

Socialização e comunicação em libras com música na escola**Socialization and communication in libras with music in school**

DOI:10.34117/bjdv6n7-223

Recebimento dos originais: 03/06/2020

Aceitação para publicação: 10/07/2020

Luciana R. de Melo

Mestranda Luciana Ribeiro de Melo pela UNITAU – Universidade de Taubaté

E-mail: luemau@gmail.com

Juliana M. Bussolotti

Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista, coordenadora adjunta do PPG em Educação da Universidade de Taubaté-SP-UNITAU.

E-mail: julianabussolotti@gmail.com

RESUMO

A inclusão do indivíduo surdo no ensino regular em sala de ouvintes, faz com que todos envolvidos no desenvolvimento escolar tenham que buscar formas para se relacionar com as pessoas que dependem de uma comunicação visual gestual, sendo assim a Libras uma língua fundamental para que a comunicação aconteça. Para tanto, este estudo tem por objetivo realizar troca de prática pedagógica em aulas de libras em duas escolas do Litoral Norte de São Paulo. De cunho teórico de pesquisa bibliográfica, relata vivências por meio de atividades escolares, a partir das quais foi possível a construção de um texto científico que traz para este diálogo as práticas pedagógicas desenvolvidas nos diferentes modelos de educação de surdos por meio das abordagens: Oralismo, Comunicação Total e Bilinguismo. Também foi realizada uma pesquisa ação, em que duas docentes puderam realizar troca de experiências por intermédio de recursos tecnológicos. A partir de um projeto de socialização e comunicação de crianças surdas na escola, o desafio é fazer com que todas as crianças das diversas séries do período em que as crianças surdas estão matriculadas possam participar do projeto e ampliar a outras escolas de um Município do Litoral Norte de São Paulo.

Palavras-chave: Comunicação, Inclusão, Libras.**ABSTRACT**

The inclusion of the deaf individual in regular education in a listening room, makes everyone involved in school development to seek ways to relate to people who depend on visual gestural communication, making Libras a fundamental language for communication happen. To this study aims to Exchange pedagogical practice in pounds classes in two schools on the North Coast of São Paulo. Theoretical bibliographic research, reports experiences through school activities, from which it was possible to build a scientific text that brings to this dialogue the pedagogical practices developed in the different models of education for the deaf through the approaches: oralism, Total Communication and Bilingualism. An action research was also carried out, in which two teachers were able to exchange experiences thorough technological resoucers. Based on a socialization and communication project for deaf children at school, the challenge is to ensure that all children from the different grades of the period in which the deaf children are enrolled can participate in the project and expand to other schools in a Municipality in the coast North of São Paulo.

keywords: Communication, Inclusion, Libras.

1 INTRODUÇÃO

Os esforços para aprender libras ainda está mais centrado nos grupos e locais onde há maior contato com pessoas portadoras de deficiência auditiva, como igrejas e/ou escolas, que também na maioria das vezes elegem um familiar ouvinte ou um intérprete fluente de libras para interceder na comunicação.

Contudo, despertar o interesse em alunos ouvintes no ambiente escolar para aprender uma língua adicional requer a estratégia de trabalhar a libras com que envolva situações comunicativas do cotidiano, além de discutir sobre a identidade e cultura surda com informações que desmitifique crenças e preconceitos sobre as pessoas surdas e sobre a língua de sinais (GESSER, 2009).

Segundo Vygotsky (1993), a linguagem se constitui como o signo fundamental, sendo desta forma necessário entender que a inclusão dos surdos se baseia no ato de comunicação do sujeito surdo com os colegas de sala, quanto com os professores e gestores escolares.

Esse trabalho parte de uma atividade desenvolvida diariamente na rotina escolar onde tem criança surda em sala de ouvintes, dentro de uma perspectiva bilíngue. Após observar que o calendário diário era desenvolvido pela professora regente, surgiu do professor intérprete de Libras uma sugestão de fazer todo o calendário impresso em sinais além de desenvolver uma música que falasse sobre os dias da semana. Todos os dias o professor intérprete desenvolveu a música abordando os dias da semana em sinais, o sinal de cada mês, sinal de ano, sinais dos numerais além de abordar e desenvolver noções temporais em sala de aula diariamente.

A intenção neste primeiro momento foi de incentivar a comunicação em Libras e criar uma rotina para que alunos ouvintes aprendessem os sinais. Diante de uma prática de sucesso em uma escola da cidade de São Sebastião, localizada litoral norte de São Paulo, como realizar a disseminação de tais práticas à outras instituições escolares?

Diante deste pressuposto, o presente estudo tem por objetivo realizar uma troca de experiências para o ensino de libras por intermédio da tecnologia digital. A partir de uma prática de sucesso executada nesta escola, o projeto será disseminado, com o auxílio de ferramentas como vídeos, aplicativo de mensagens e internet, à outra escola de Ensino Fundamental, na cidade de Ubatuba, também localizada no litoral norte de São Paulo.

2 BREVE HISTÓRICO DO PERCURSO DA POLÍTICA DE EDUCAÇÃO DOS SURDOS NO BRASIL

No decorrer da história da humanidade as pessoas com surdez enfrentaram obstáculos para participar da educação escolar e das propostas educacionais. Na antiguidade, os surdos eram considerados seres incapazes de aprender por não conseguirem estabelecer uma comunicação efetiva com os sujeitos ouvintes. No século XVI, Ponce de León, monge beneditino espanhol, iniciou as primeiras tentativas de ensinar o surdo, de modo individualizado informalmente, tentando torna-lo possuidor de direitos.

Em 1856, chegou ao Brasil o professor Ernest Huet, surdo francês que trouxe o alfabeto manual francês e alguns sinais para o Brasil. Os surdos brasileiros, que deviam usar algum sistema de sinais próprio, em contato com a Língua de Sinais Francesa (LSF), produziram a Língua de Sinais Brasileira. No ano seguinte, no dia 26 de setembro de 1857, foi fundado o Instituto dos Surdos-Mudos do Rio de Janeiro, e denominado o atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

Em 1873, foi feita a iconografia dos sinais, lançado pelo diretor do Instituto dos Surdos-Mudos, de autoria do aluno surdo Flausino José de Gama.

Antes do séc. XIX, os surdos ocupavam papéis significativos. Sua educação realizava-se por meio da língua de sinais e a maioria dos seus professores eram surdos. No entanto, estudiosos, surdos e professores ouvintes, à época, divergiam quanto ao método mais indicado para ser adotado no ensino de surdos. Uns acreditavam que deveriam priorizar a língua falada, outros a língua de sinais e outros, ainda, o método combinado. Em 1880, no Congresso Mundial de Professores de Surdos (Milão-Itália) chegou-se à conclusão de que os surdos deveriam ser ensinados pelo método oral puro, sendo proibida a utilização da língua de sinais. A partir daí, a opressão de mais de um século a que os surdos foram submetidos, sendo proibidos de utilizar sua língua e obrigados a comportarem-se como os ouvintes, trouxe uma série de conseqüências sociais e educacionais negativas.

Em 1881, a história narra o fato de Língua de Sinais ter sido proibida no INES e em todo o Brasil. Como consequência dessa proibição, em 1895, teve o declínio do número de professores Surdos (22%) nas escolas para Surdos e aumentaram os professores ouvintes. Atualmente os surdos continuam estudando no INES, porém, com outra realidade, que não é mais internato. Hoje o ensino se dá em três períodos: manhã, tarde e noite. Além disso, recentemente, foi aberto um curso superior no INES, com oferta na área de pedagogia e que prevê a inclusão de alunos ouvintes, misturados aos alunos Surdos.

Outra escola, que foi importante na história dos Surdos, é o Instituto Santa Terezinha em São Paulo; fundado em 1925, dedicado à educação de moças surdas, sendo que algumas se tornavam freiras. As surdas se comunicavam somente fora das salas de aulas. Também sofreu a influência da

Língua de Sinais Francesa (LSF), porque os educadores eram religiosos franceses católicos, além da influência do “oralismo”.

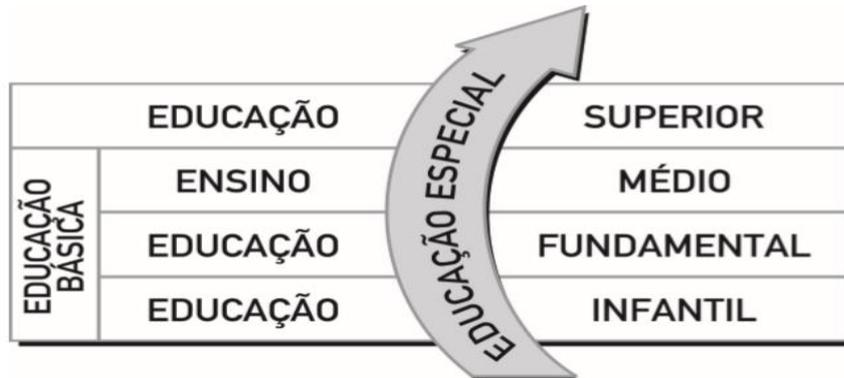
A Declaração de Salamanca (BRASIL, 1994) ganha força de implantação no ano de 2000. Duas de suas determinações são importantes de serem destacadas:

a) As escolas devem ajustar-se a todas as crianças, independentemente das suas condições físicas, sociais, linguísticas e outras.

b) A escola deve incluir as crianças com deficiência e/ou superdotada, criança da rua ou crianças que trabalham, crianças de populações imigradas ou nômades, crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de áreas ou grupos desfavorecidos ou marginais.

A educação especial na perspectiva da educação inclusiva, projetada desde a Constituição Federal de 1988 à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/1996, no Art. 3º, inciso I, prima pela “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” (BRASIL, 1996) e propõe mudanças significativas no sistema educacional.

“O quadro a seguir ilustra como se deve entender e ofertar os serviços de educação especial, como parte integrante do sistema educacional brasileiro, em todos os níveis de educação e ensino”. (Parecer CNE/CEB Nº2/2001)



A primeira Conferência dos Direitos e Cidadania dos Surdos do Estado de São Paulo (CONDISUR) foi realizada no dia 21 de abril de 2001 e apresentou propostas na conquista de seus direitos e exercício pleno da cidadania relacionado à educação, cultura, família, saúde, esportes, direitos e deveres, trabalho, Língua de Sinais, comunicação, associações e movimento do surdo.

Em agosto de 2001, no Programa Nacional de Apoio à Educação do Surdo, a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS-RJ) em parceria com o Ministério de Educação e Cultura (MEC), capacitou 80 Surdos no Brasil, para serem Instrutores de LIBRAS e

desenvolveu métodos de ensino e materiais didáticos que ofereceram aos alunos Surdos uma educação de qualidade.

Em setembro de 2001, no Programa Nacional de Apoio à Educação do Surdo, a FENEIS-RJ em parceria com o MEC e com o INES - capacitou 54 Professores/Intérpretes no Brasil para atuarem como professores nas escolas inclusivas e desenvolveu métodos de ensino e materiais didáticos para serem utilizados com os alunos surdos. Este plano previu, para os próximos 10 anos, a aplicação da Lei nº 10.436 (essa é a LEI da LIBRAS - que reconhece a língua brasileira de sinais como língua de uso corrente e legítimo de uma grande parcela de surdos brasileiros), a inserção de sua regulamentação nos currículos de Ensino Básico para Surdos e nas escolas inclusivas.

A Inclusão da LIBRAS nos currículos de Ensino Básico para Surdos nas escolas de Surdos foi a realização de um sonho esperado por vários anos de muita luta. Para se chegar à regulamentação da LIBRAS em nível federal, o Presidente da República sancionou a Lei da LIBRAS nº 10.436 no dia 24 de abril de 2002. Nos dias 16 e 21 de março de 2005, houve reuniões técnicas para a consulta pública da Regulamentação da LEI da LIBRAS na Secretaria de Educação Especial (SEESP/MEC) com a participação de Instituições e Universidades Públicas. As propostas de contribuição para a Regulamentação da LEI LIBRAS foram enviadas e aceitas até o dia 03 de abril à Casa Civil e essas foram finalmente aprovadas através do decreto lei de nº 5626 do dia 22 de dezembro de 2005 .

Em 2010 com a Lei 12.319/10 (BRASIL, 2010), regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete de Libras, disposto então nesta Lei sobre a formação e suas atribuições funcionais.

Em 2014 foram aprovadas, no Plano Nacional de Educação, a oferta e a garantia da escola bilíngue Libras (língua materna) e Português (como adicional) para surdos.

3 METODOLOGIA

A pesquisa pode ser classificada como aplicada, de natureza descritiva e abordagem qualitativa. Como método e procedimentos técnicos foram adotados, respectivamente, a pesquisa bibliográfica e a realização de um relato de experiência. Neste sentido, tal abordagem buscou levar em conta as características enunciadas por Bogdan e Biklen (1994), apresentando o próprio ambiente natural como fonte direta para a obtenção de dados descritivos sobre os elementos da compreensão dos docentes participantes professores de libras, enfatizando mais o processo do que o produto do ensino e socialização dos surdos e preocupando-se em retratar a perspectiva destes professores, por intermédio de pedidos de elaboração de casos de ensino destacam-se como referências para o desenvolvimento deste estudo.

A primeira etapa da pesquisa ação constituiu-se na sensibilização dos alunos da escola de origem da prática pedagógica em serem motivados a compartilhar tal experiência com alunos de uma

outra escola da mesma região. Para tanto, ressalta-se o uso de ferramentas utilizadas no dia a dia do professor, tais como celular, internet e aplicativo de mensagens.

Após a sensibilização dos alunos, iniciou-se o processo de gravação dos vídeos. Optou-se pela professora gravar um primeiro vídeo, em foco, para o aprendizado inicial dos movimentos da música a ser aprendida. A seguir, um grupo de alunos, composto por aproximadamente 5 crianças, do 6º ano do Ensino Fundamental, fizeram o mesmo vídeo na intenção de auxiliar e motivar o aprendizado em libras a outros alunos da educação infantil de outra escola.

O projeto foi realizado de forma interdisciplinar, visto que diversas áreas do conhecimento foram trabalhadas, como linguagem oral e escrita, artes, a música, bem como as habilidades já delineadas neste artigo e que contemplam a Base Nacional Comum Curricular. Segundo Salgado e Souza (2018) a fragmentação dos conhecimentos trabalhados separadamente, dificultam o entendimento dos alunos da importância de determinadas disciplinas.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Estamos vivendo na atualidade um momento de profundas mudanças sociais que impactam no contexto escolar, tanto na aprendizagem dos alunos quanto nas estratégias adotadas pelos professores para aplicabilidade dos conteúdos, quanto nos resultados esperados e efetivamente alcançados.

Sendo assim, há de se refletir sobre como a escola administra todos estas questões e como ela irá conseguir de forma assertiva garantir qualidade no ensino-aprendizagem de seus alunos e resultados eficientes.

Um das questões a se considerar neste processo de ancoragem para dar suporte a aprendizagem dos alunos é buscar práticas diferenciadas, e que estas possam de fato oportunizar equidade para os mesmos. Além disso, as escolas também precisam saber fazer bem suas escolhas para definir com clareza e objetividade o currículo escolar de modo a proporcionar uma aprendizagem ativa a seus alunos, o que irá facilitar a organização do trabalho pedagógico e o exercício da docência.

Moran (2018), ressalta que a aprendizagem é ativa em algum grau, porque exige do aprendiz e do docente formas diferentes de movimentação interna e externa, de motivação, seleção, interpretação, comparação, avaliação, aplicação.

Por isto, as metodologias ativas são capazes de proporcionar novos caminhos de aprendizagem mais próximas do real, combinando tempos de aprendizagem individuais com tempos coletivos, de modo a despertar no aluno o interesse e a motivação para aprender, atribuindo significado nesta aquisição de conhecimento.

Atualmente as tecnologias em rede e móvel vieram contribuir consideravelmente para que o aluno possa ter em tempo real a capacidade de acessar conteúdos, de compartilhar informações e aprender de forma atrativa. Em um ambiente virtual o professor consegue bons materiais, com conteúdos ricos e os alunos aprender de forma diferente e significativa.

No processo de ensino aprendizagem como afirma Gauthier (2014), a escola precisa proporcionar um aprendizado que compreenda duas grandes funções: a da gestão da classe que se refere à inculcação de valores e comportamentos e a da gestão da aprendizagem que compreende a transmissão de conteúdos ou à aprendizagem de conteúdos. Sendo assim, o professor em sua atuação, no espaço escolar, frente as suas atividades pedagógicas, atuará com estas duas funções continuamente, pois elas são complementares.

Para Moran (2018), é preciso ainda levar em conta que a aprendizagem se constrói num processo equilibrado entre três movimentos principais o individual, onde o aluno irá percorrer seu caminho, a grupal onde ele irá aprender com os pares, com potencial semelhantes ao dele, e o orientado que é alguém mais experiente e/ou um especialista, como o professor.

Quando se trabalha com os alunos em diferentes momentos e com diferentes formas de compartilhar ideias, eles aprendem a estar mais abertos e ampliam seus horizontes de conhecimentos e aprendizagens, tornando-se protagonistas diante das múltiplas possibilidades que lhe são oferecidas e ao mesmo tempo corresponsáveis pelo próprio ensino-aprendizagem.

Também é relevante tornar o aprendizado flexível, dinâmico desafiador, de modo que os alunos sejam cada vez mais instigados, sendo assim deixa de ser previsível como no ensino tradicional. Sendo assim, Moran coloca que o importante é que se faça um diagnóstico realista e a partir deste se proponha caminhos que viabilizem mudanças de curto e longo prazo com metodologias ativas e projetos cada vez mais integradores.

Mas, para ser ter metodologias ativas e projetos integradores, é preciso ter professores capazes, com conhecimentos, habilidades e atitudes que possam garantir uma aprendizagem eficaz e significativa.

Gauthier (2014), destaca o ensino explícito, que visa tornar “explícito o que está implícito”, e que este deve estar presente na ação pedagógico considerando tanto os conteúdos quanto os comportamentos, para assim ter um professor com perfil integrado, capaz de buscar estratégias para que seus alunos aprendam.

Para Izquierdo (2011), não há memória sem aprendizado, nem há aprendizado sem experiências, ou seja, a aprendizagem é um processo pelo qual por meio das experiências com o ambiente é que adquirimos conhecimento sobre o mundo e modificamos nosso comportamento. Portanto, a memória possibilita ao aluno adquirir o conhecimento, armazenar e posteriormente

recuperá-lo, sendo assim, este processo de aquisição e evocação de memórias, denomina-se aprendizagem. A evocação não ocorre espontaneamente; é sempre desencadeada por algum estímulo ou estímulos iguais ou semelhantes àqueles inerentes a cada experiência.

Izquierdo (2011) também ressalta que há tipos de memórias, por processo de evocação, a memória imediata (segundos, minutos), a recente (horas ou poucos dias) e a remota (semanas, meses, anos) e também por processo de informação, que são a declarativa ("saber que"), a procedimentos ("saber como"); a semântica (vgr., a linguagem, ou outros códigos), a episódica (memória de eventos ou episódio) e hábitos (como se um hábito não fosse, por definição, uma memória).

O professor, portanto, deve ao escolher suas estratégias de ensino e aprendizagem possibilitar que os alunos tenham experiências diversificadas e diferenciadas, que toquem afetivamente os alunos, e as tornem marcantes, de modo a consolidar o conhecimento de maneira positiva.

As memórias adquiridas em estado de alerta e com certa carga emocional ou afetiva são melhor lembradas que as memórias de fatos inexpressivos ou adquiridas em estado de sonolência, assim como, é importante ressaltar que as memórias são melhor consolidadas durante o sono, ou seja, a noite seu cérebro processa o que foi mais importante e faz uma seleção das experiências vividas ao longo do dia, e posteriormente gera a memória duradoura. A aprendizagem, portanto, envolve não apenas fatores externos, mas também a memória e capacidade do indivíduo de reter conteúdos.

O ensino explícito, conforme Gauthier (2014) apresenta, considera que o aluno é capaz de reter informações e que o professor deverá aplicar estratégias para trabalhar de forma que a retenção dos conteúdos e dos comportamentos sejam não apenas armazenados na memória de trabalho ou memória de curto prazo, que se torna facilmente sobrecarregada e assim dificultando novas aprendizagens. O ideal é reter as informações na memória de longo prazo, onde os conteúdos e comportamentos são organizados e poderão ser acessados sempre que forem necessários.

Roldão (2010), destaca a estratégia dedutiva, onde o professor apresenta o conceito ou generalização, e depois solicita aos alunos a classificação dos termos utilizados para definir o conteúdo ou descrever a generalização, em seguida apresenta um exemplo e instiga os alunos a contribuírem com outros exemplos, assim ampliando o repertório dos mesmos.

Gauthier (2014), ressalta que a importância de tornar explícito os conteúdos que os alunos já conhecem, recordando conhecimentos prévios, aferindo o quanto os alunos já conhecem e dominam sobre determinado assunto, para posteriormente passar a ensinar novos conteúdos.

Neste sentido o professor deve tornar explícito o conteúdo utilizando a estratégia da modelagem que diz respeito a tornar explícito seu pensamento para resolver uma situação problema, depois ele deverá realizar uma prática guiada para que os alunos possam praticar ou exercitar o que aprenderam, e o professor deverá acompanhar de perto este processo, para confirmar se os alunos

compreenderam o que foi ensinado. Se os alunos compreenderam o professor deve passar para a última etapa que é deixar o aluno trabalhar de forma autônoma ou seja, trabalhar sozinho. E, quanto mais os alunos se tornam autônomos, mais desenvolvem suas habilidades para resolver situações problemas, mais a aprendizagem está consolidada, e assim o professor pode então avançar trazendo novos desafios para os alunos.

No ensino explícito ainda destaca a avaliação formativa, que se refere o que o aluno sabe e pensa, e a avaliação somativa que refere o quanto o aluno está sendo bem sucedido ou não na sua aprendizagem, deste modo o ensino por ser norteado para ajustes na rota durante a realização das ações pedagógicas ao longo processo de ensino e analise ao final do percurso para verificar se os objetivos propostos foram ou não alcançados.

Para garantir uma boa aprendizagem também deve haver um alinhamento entre currículo, o ensino propriamente dito e a avaliação. O que está previsto no currículo deve ser ensinado, e somente o que foi ensinado pode ser avaliado.

Para Roldão (2010), é indispensável que o professor seja capaz de aferir a validade e adequação das estratégias aplicadas a seus alunos e que isto deve ser realizado durante o seu desenvolvimento delas, considerando os processos e os resultados de aprendizagem, sejam eles intermediários e/ou finais.

Segundo Gauthier (2014), muitas mudanças no processo de ensino e aprendizagem levaram a formação dos alunos mais para um contexto real, porém ainda há um longo caminho que irá exigir do professor um aperfeiçoamento e desenvolvimento de competências contínuo, para ter estratégias para ensinar e possibilitar aprendizagem significativas e com resultados eficientes.

Para Gauthier (2014), “não fundamos uma profissão a partir de crenças; uma profissão funda-se a partir de estudos precisos e rigorosos sobre o efeito de ações realizadas, a eficácia dos gestos profissionais dos atores, para integrá-las, em seguida, na formação, de modo a obter um saber profissional compartilhado. Um saber compartilhado limita a autonomia profissional.” Neste sentido, o professor não faz o que quer ele busca de forma responsável os melhores recursos e estratégias para cumprir o seu papel, que é ensinar para que seus alunos aprendam.

5 LUDICIDADE COMO POSSIBILIDADE DE APRENDIZAGEM

Uma atividade pedagógica que ocorre de forma lúdica, considerando o educando como um ser integral traz muitos benefícios para os envolvidos. Educador e educando são beneficiados com atividades pedagógicas que respeitam a identidade dos envolvidos. As atividades lúdicas proporcionam significado e prazer para os alunos. Silva e Haetinger (2013) ensinam-nos sobre a

importância das atividades lúdicas, citando como benefícios o desenvolvimento do aluno em aceitar os outros, desenvolve a confiança, melhora a comunicação e as relações.

Para que o ser humano se desenvolva em todas suas áreas vitais, necessário se faz uma educação integral, que se preocupe com o aluno nos aspectos emocional, social, físico, cognitivo e psicomotor. As atividades lúdicas proporcionam uma educação integral com o desenvolvimento do ser em todos esses aspectos, como veremos a seguir.

O desenvolvimento social é muito importante para a vida dos alunos e valiosa é a aprendizagem feita por meio da troca entre os pares. As atividades lúdicas viabilizam esta troca. Os alunos que aprendem e ensinam em equipe potencializam o desenvolvimento do aspecto social. Como nos ensina Pacheco (2014), a comunidade estabelecida entre os alunos, constitui uma produção conjunta de conhecimento.

O protagonismo também é imprescindível para uma atuação plena. Os alunos precisam se conhecer como autores da sua própria história. O trabalho lúdico também pode favorecer isto, visto que estimula o diálogo, os questionamentos acerca das regras do jogo, a motivação, entre outros fatores que poderão potencializar o protagonismo dos alunos. Conforme nos assegura Freire (1996) a subjetividade permite que o aluno construa sua história, mudando-a se for preciso.

O aspecto emocional também deve estar presente em todo o processo de aprendizagem. A inteireza do ser só é contemplada com o respeito às questões emocionais dos alunos. Conforme nos revela Freire (1996), a educação deve estar permeada de desejos, sonhos e emoções.

O trabalho pedagógico lúdico é muito importante para o desenvolvimento completo do ser. É uma forma de trabalhar diversas competências do ser humano, desenvolvendo os indivíduos de forma holística. Dessa forma, Crepalde (2010) ressalta a importância de brincar no processo de aprendizagem.

Uma educação que tem por alicerce a ludicidade, desenvolve as habilidades necessárias de forma prazerosa, desenvolvendo a autonomia, afeto e colaboração mútua entre os alunos. Pacheco (2014) defende uma aprendizagem significativa, ativa e socializadora afirmando que o espaço de aprender é todo o universo físico como o virtual.

Os alunos têm a possibilidade de um desenvolvimento completo, auxiliando em sua evolução e desenvolvendo os aspectos cognitivos, motor, físico, afetivo e social dos mesmos. Com o uso de atividades lúdicas, o professor pode trabalhar os conteúdos necessários, desenvolvendo habilidades e competências pertinentes ao desenvolvimento do aluno. Nos dizeres de Oliveira (2009) as atividades lúdicas não devem estar separadas da aprendizagem, e sim devem ser um instrumento para garantir o desenvolvimento completo do aluno.

Todos estes argumentos retro alinhados nos demonstra como é importante o uso de atividades lúdicas na educação. Em qualquer idade o ensino pautado num trabalho lúdico pode ser usado como um eficaz meio de crescimento e desenvolvimento dos alunos, gerando uma aprendizagem significativa e motivadora.

Conclui-se que as atividades lúdicas auxiliam no desenvolvimento completo do ser. O aluno desenvolve todos os aspectos essenciais para a aprendizagem saudável e integral. Desenvolve-se no aspecto social, emocional físico e cognitivo.

6 RELATO DA ATIVIDADE NAS ESCOLAS

A primeira etapa da atividade foi a sensibilização dos alunos da escola de origem da atividade sobre a socialização das tarefas aprendidas, no caso uma música em libras, que em seu conteúdo retrata sobre os dias da semana.

Diante da sensibilização dos alunos, foram gravados dois vídeos com o objetivo de levar o aprendizado da música à outra escola. O primeiro vídeo foi feito com a intérprete de libras realizando os movimentos em foco para demonstrar com clareza cada movimento. No segundo vídeo foram gravados os alunos realizando os movimentos e demonstrando a música.

Após a gravação dos vídeos, os mesmos foram encaminhados à outra escola via internet, possibilitando a outros docentes fazerem a reprodução da prática.

A experiência relatada acima percorreu outros espaços e chegou até uma sala de educação infantil de uma escola do litoral norte. As mídias tecnológicas foram a ponte entre as escolas. A música aprendida pelos alunos da Escola 1 foram ensinadas por eles mesmos para os alunos da Escola 2, por meio de vídeo enviado pela intérprete da escola 1. A troca foi mediada pela intérprete da Escola 2, que também tem um aluno surdo matriculado no 5º ano.

Antes de iniciarmos a execução dos vídeos foi realizada uma plenária para sensibilizar os alunos sobre a inclusão. A maneira como se deve agir diante de uma situação desta, a importância da empatia para os alunos se sentirem incluídos e finalmente o respeito que devemos ter diante das diferenças. As plenárias são um importante meio de diálogo, discussão e crescimento entre os envolvidos. De acordo com Padilha (2003), nos ensina sobre a importância do diálogo em sala de aula para alterar a realidade em que vivem.

Diversas atividades foram realizadas no sentido de trabalhar o respeito a estas diferenças. Como se trata de uma sala da educação infantil, as competências e habilidades da Base Nacional Comum Curricular (2017) foi usada como parâmetro para o trabalho com os objetivos propostos.

A seguir encontram-se os objetivos delineados neste momento da realização da prática pedagógica. Os objetivos elencados para estas atividades estão de acordo com a Base Nacional Comum Curricular.

- * (EI03EO01) -Demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir.
- * (EI03EO02) Agir de maneira independente, com confiança em suas capacidades, reconhecendo suas conquistas e limitações.
- * (EI03EO03) Ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação.
- * (EI03EO04) Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.
- * (EI03EO05) Demonstrar valorização das características de seu corpo e respeitar as características dos outros (crianças e adultos) com os quais convive.
- * (EI03EO07) Usar estratégias pautadas no respeito mútuo para lidar com conflitos nas interações com crianças e adultos.
- * (EI03CG01) Criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música.
- * (EI03CG05) Coordenar suas habilidades manuais no atendimento adequado a seus interesses e necessidades em situações diversas.
- * (EI03TS03) Reconhecer as qualidades do som (intensidade, duração, altura e timbre), utilizando-as em suas produções sonoras e ao ouvir músicas e sons.

Esta troca foi muito significativa pois proporcionou aos alunos da Etapa II aprenderem uma outra linguagem. Além disso, a atividade proporcionou uma reflexão sobre o tema da inclusão e sobre como podemos auxiliar as pessoas que têm suas limitações. Oliveira (2014) fala sobre a diferença entre educar para cidadania e educar na cidadania.

No que diz respeito, especificamente, à pessoa com necessidades especiais, se respaldarmos a ação escolar a partir da segunda expressão, sua cidadania, de certa forma, já lhe foi atribuída ao nascer, e a escola, dentro da sua função social e educativa, irá assegurar o reconhecimento de um direito próprio. É importante ainda termos ciência de que, apesar de esse direito estar velado e até negado a muitas pessoas com necessidades especiais, acredita-se que a segunda expressão favorece o ensino no contexto geral, seja para aqueles com necessidades especiais ou não. (OLIVEIRA, 2014, p. 45)

José Pacheco (2014) também faz uma reflexão sobre a importância de se aprender na cidadania.

A educação será para a cidadania ou na cidadania? Não se trata de uma sutil diferença entre a palavra na e a palavra para. A primeira ser contração de preposição e artigo e a segunda se apresentar como preposição simples é questão de somenos importância. Importante é o espírito da coisa, pelo que prefiro a expressão “educar na cidadania”, *no bic et nunc* do drama escolar. Fazemos no que fazemos. Aprendemos cidadania, como todo o resto, no devir que já somos no aqui e agora. (p. 46)

Percebeu-se que o desenvolvimento do projeto, proporcionou um envolvimento dos alunos em aprender e demonstraram sensibilidade com a questão da inclusão. Estavam se formando na cidadania. Foi muito emocionante. Percebeu-se um grande potencial de desenvolvimento cognitivo, social e emocional nesta troca. A aprendizagem dos alunos rompeu com os muros da escola e ganhou outras dimensões ao ser direcionado aos alunos de outra escola e de outro município.

Este rompimento dos muros da escola urge na tentativa de emergir novas possibilidades de aprendizagem. Como nos ensina José Pacheco (2014).

O espaço de aprender é todo o espaço, tanto o universo físico como o virtual, é a vizinhança fraterna. E quando se aprende? nas quatro horas diárias de uma escola-hotel? Duzentos dias por ano? Que sentido faz uma “idade corte”, se não existe uma idade para começar a aprender? A todo momento aprendemos, desde que a aprendizagem seja significativa, integradora, diversificada, ativa, socializadora. O tempo de aprender é o tempo de viver, as 24 horas de cada dia, nos 365 dias (ou 366) de cada ano. (p. 11).

Os alunos da Escola 2 sentiram-se felizes em socializar-se com alunos de outro município, apesar de ser uma socialização virtual por vídeos encaminhados. A aprendizagem foi significativa, pois os alunos estavam motivados a conhecer uma nova linguagem. Percebeu-se também que a atividade favoreceu a inclusão pois o diálogo com o aluno surdo era um dos objetivos propostos. O aluno portador de necessidade especial estava sendo contemplado com a atividade. Foi uma experiência emocionante.

Percebe-se que o projeto desenvolvido contempla estas diretrizes para um trabalho inclusivo de qualidade. O registro feito pelos alunos da Escola 2 foi um dos instrumentos de avaliação da atividade. Este registro foi feito por meio de desenhos, fotos e filmagens desta atividade. Outro registro desta vivência foi a escrita feita pelos alunos, tendo o professor como mediador deste processo. A avaliação também foi realizada por meio de uma plenária onde os alunos puderam exprimir seus sentimentos sobre a inclusão e os alunos deficientes.

Acredita-se que saberes fundamentais foram desenvolvidos com a atividade proposta. Como nos assegura Morin (2004).

Há sete saberes “fundamentais” que a educação do futuro deveria tratar em toda sociedade e em toda cultura, sem exclusividade nem rejeição, segundo modelos e regras próprias a cada sociedade e a cada cultura. Acrescentemos que o saber científico sobre o qual este texto se apoia para situar a condição humana não só é provisório, mas também desemboca em

profundos mistérios referentes ao Universo, à Vida, ao nascimento do ser humano. (MORIN, 2004, p. 13)

Se vivemos plenamente, respeitando nossas inteirezas e a diversidade ao nosso redor, torna-se maior a possibilidade de darmos o nosso melhor. Essa é a forma mais interessante de agradecermos o presente “VIDA”.

O trabalho coletivo na escola fortalece as relações refletindo numa transformação social e garantindo aos alunos um futuro promissor.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto teve como objetivo levar as crianças de diferentes unidades escolares a se familiarizar com a Linguagem Brasileira de Sinais por meio da ludicidade, utilizando-se de uma música para apresentar os conceitos: dias da semana, mês e ano.

A estratégia adotada pelas professoras, foi estabelecer uma comunicação entre as escolas utilizando da tecnologia e os recursos audiovisuais para facilitar o processo.

Na escola 1 os alunos já estavam autônomos com relação a música proposta, pois já se apropriaram do conhecimento. O que possibilita o professor avançar com os alunos ampliam a proposta de ensino e aprendizagem ensinando outros alunos dentro da escola e posteriormente com a realização do projeto aqui apresentado para os alunos de outra unidade escolar (escola 2).

Para que o conhecimento fosse transmitido e encurtasse as distâncias entre os alunos de unidades escolares diferentes a estratégia que as professoras adotaram de gravar vídeos com os alunos cantando e apresentando os sinais em LIBRAS, foi fundamental.

É importante ressaltar que o processo de modelagem foi realizado partindo da estratégia de apresentação do conteúdo do mais simples para o mais complexo, ou seja, primeiro apresentando os sinais aos alunos com a ajuda de uma professora intérprete em Libras.

Posteriormente a professora foi então tornando explícito aos alunos o conteúdo e ao mesmo tempo ajudando-os a refletir sobre uma nova língua, sobre a surdez e o processo de inclusão ampliando o repertório de conhecimento. Além disso, foi tornado desafiador e significativo a aprendizagem.

Após a sensibilização e motivação dos alunos o professor da escola 2, pode avançar nos conhecimentos apresentando agora a música com os sinais em LIBRAS para a memorização do ritmo e dos momentos corretos para apresentação dos sinais. A música e os sinais foram ensaiados algumas vezes e a professora foi realizando a prática assistida, ou seja, auxiliando os alunos para atingir a aprendizagem de forma eficiente e positiva, garantido qualidade nos resultados e significado para os alunos.

Ao final do projeto os alunos atingiram o resultado esperado conseguindo realizar de forma autônoma a música por meio de sinais em LIBRAS.

Portanto, a proposta deste trabalho que teve como objetivo estabelecer uma comunicação eficaz por meio de uma estratégia pedagógica que utilizou de recursos tecnológicos para encurtar distâncias e ampliar conhecimentos, por meio da LIBRAS, foi atingido com sucesso.

O que demonstra que os professores foram integradores adotando um perfil de mediador com competências, habilidades e atitudes que buscou de fato promover uma aprendizagem ativa com estratégias que assertivas para que os alunos aprendessem, indo além dos horizontes da própria escola.

Atividades como esta transformam e melhoram a realidade escolar, visto que são trabalhadas de forma coletiva. Neste sentido, o presente estudo atingiu seus objetivos iniciais ao realizar a troca de experiências entre duas escolas fisicamente distantes, e superou dificuldades na disseminação de boas práticas utilizando como estratégia recursos tecnológicos.

Pretto e Assis (2008, p. 82) acreditam que “a articulação entre cultura digital e educação se concretiza a partir das possibilidades de organização em rede, com apropriação criativa dos meios tecnológicos de produção de informação, acompanhada de um forte repensar dos valores, práticas e modos de ser, pensar e agir da sociedade”

A escola juntamente com a comunidade, potencializa o crescimento local e de todos os envolvidos na aprendizagem. Por meio da educação, uma sociedade pode ser transformada. Paulo Freire (1996) afirma que ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo. Afirma ainda que ensinar exige a convicção de que a mudança é possível.

Como contribuição aplicada aos locais de pesquisa, o presente estudo incentivou o trabalho coletivo na escola, o que fortaleceu as relações entre escolas e possivelmente refletirá numa transformação social.

Para estudos futuros, sugere-se não somente a execução e registro de práticas inclusivas, mas também um estudo profundo dos métodos de disseminação e compartilhamento de tais práticas, incentivado o ensino lúdico também para a educação inclusiva.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Livraria Porto, 1994.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017. /livro.pdf. Acesso em: Maio 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC, 2008. Disponível em: http://peei.mec.gov.br/arquivos/politica_nacional_educacao_especial. Acesso em Maio 2020.

BRASIL. **Plano de Desenvolvimento da Educação: razões, princípios e programas,** 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/livro>

CREPALDE, Roselene. **Jogos, brinquedos e brincadeiras.** Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Decreto Nº 5626 de 2005; regulamenta a Lei Nº 10.436, 24 de abril de 2002.** Brasília: MEC, 2005.

BRASIL. **Lei Nº 12.319/2010,** de 01 de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete de Libras. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/lei/112319.thm. Acesso em Maio de 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo:Paz e Terra. 1996.

GAUTHIER, C.; BISSONETTE, S.; RICHARD, M. *Ensino explícito e desempenho dos alunos.* Petrópolis, Vozes: 2014. Cap. 6 e 7

GAUTHIER, C.; BISSONETTE, S.; RICHARD, M. *Ensino explícito e desempenho dos alunos.* Petrópolis, Vozes: 2014. Cap. 4 e 5

GESSER, A. Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. Ed: Parábola. São Paulo, 2009.

IZQUIERDO, I. *Memória.* Porto Alegre: ArtMed, 2011. Cap.1: O que é a memória.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 9.ed. São Paulo: Cortez;Brasília, DF: UNESCO, 2004.

MORAN, J. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, L.; MORAN, J. (Org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática.** Porto Alegre: Penso, 2018.p.1-25.

MITRE, S.M. *et al* . Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, supl. 2, p. 2133-2144, Dec. 2008. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232008000900018&Ing=en&nrm=iso

OLIVEIRA, Mari Angela Calderari. **Intervenção Psicopedagógica na Escola. 2ª edição.** Curitiba. IESDE Brasil S.A. 2009.

OLIVEIRA, Eloiza da Silva Gomes de. (*et al*) Tópicos especiais em educação inclusiva. Curitiba/PR:IESDE Brasil, 2014.

O ENSINO EXPLÍCITO: Um meio para tornar eficaz nosso saber pedagógico – entrevista com Clermont Gauthier

file:///C:/Users/Anna/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/24491-77353-1-PB%20(2).pdf

PACHECO, José. **Aprender em comunidade**. São Paulo: Edições SM, 2014.

PADILHA, Paulo Roberto. **Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola**. 4. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire. 2003 (Guia da escola cidadã; v.7)

PRETTO, N.; ASSIS, A. Cultura digital e educação: redes já. In: PRETTO, N.; SILVEIRA, A. (Org.). **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder**. Salvador: EDUFBA, 2008.

ROLDÃO, M.C. *Estratégias de ensino: o saber e o agir do professor*. Vila Nova de Gaia, Portugal: Fundação Manuel Leão, 2010. Cap.IV

SILVA, Daniel Vieira da; HAETINGER, Max Gunther. **Ludicidade e psicomotricidade**. Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2013.

Souza, Mariana Aranha de. [Org.] **Currículo e suas diversidades de práticas e de abordagens** / Mariana Aranha de Souza (Org.), Suzana Lopes Salgado Ribeiro (Org.) - Taubaté/SP: Ed Unitau, 2018. 320p.

VYGOTSKY, L.S. Pensamento e linguagem. Tradução Jéferson Luiz Camargo; revisão técnica José Cipolla Neto. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VYGOSTKY , Lev Semyonovich . **Obras escogidas II: pensamiento y lenguaje conferencias sobre psicología** . Madrid : Machado Grupo de Distribución , 2014 .